

RE-ESCRITA COM O CORPO: INTER-CORPOREIDADE EM A HORA DA ESTRELA

REWRITING WITH THE BODY: INTER-CORPOREALITY IN THE HOUR OF THE STAR

Marina Maura de Oliveira Noronha¹
Edgar César Nolasco²

RESUMO

Este trabalho propõe uma discussão teórica sobre a presença da intercorporeidade (Pessanha, 2018) na construção narrativa do livro *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector. Corrobora nosso artigo o fato de que a referida discussão conceitual aqui privilegiada faz parte de nossa Tese de Doutorado finalizada no âmbito do NECC/PPGEL/UFMS. Ilustra a abordagem conceitual em torno do inter-corporar quando a autora põe em prática em sua narrativa literária uma escrita com o corpo, que a seu modo tange em uma prática de re-escrever, como intentamos mostrar em nossa reflexão. Embasados pelos postulados da crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015) que, a seu modo, tem por base de toda sua teorização a presença do “bios” e do “lócus”, queremos argumentar que a prática do inter-corporar abre terreno para re-escrita descolonial de forma não forçada, sobretudo quando observamos que na narrativa em questão Clarice escreve com o corpo. Almejamos fazer tal discussão sem se descuidar, por nenhum momento de nossa reflexão teórica conceitual, da presença do livro *A hora da estrela*, posto ser ele o desencadeador de toda nossa proposta. Assim, esperamos que abalizados pelos conceitos proposto, possamos contornar a teorização que grassa em torno do “escrevo com o corpo” encontrado na obra em estudo.

Palavras-chave: inter-corporeidade; crítica biográfica fronteiriça; *A hora da estrela*.

¹Doutoranda bolsista CAPES/FUNDECT em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Campo Grande. Mato Grosso do Sul. Brasil. E-mail: marina.m.noronha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2324-7829>.

² Professor titular bolsista CAPES/ CNPq da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Pós-doutorado em Cultura (PACC – UFRJ). Vinculação (UFMS). Campo Grande. Brasil. E-mail: ecnolasco@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>.

ABSTRACT

This paper proposes a theoretical discussion on the presence of intercorporeality (PESSANHA, 2018) in the narrative construction of Clarice Lispector's book *The Hour of the Star* (1977). Our article corroborates the fact that the conceptual discussion privileged here is part of our doctoral thesis completed within the scope of NECC/PPGEL/UFMS. It illustrates the conceptual approach to intercorporeality when the author puts into practice in her literary narrative a writing with the body, which, in its own way, refers to a practice of rewriting, as we try to show in our reflection. Based on the postulates of frontier biographical criticism (NOLASCO, 2015), which, in its own way, bases all its theorisation on the presence of the 'bios' and the 'locus', we want to argue that the practice of intercorporeality paves the way for a decolonial rewriting in an unforced way, especially when we observe that, in the narrative in question, Clarice writes with her body. We aspire to carry out this discussion without neglecting, at any moment in our conceptual theoretical reflection, the presence of the book *The Hour of Writing*, since it is the trigger for our entire proposal. Thus, we hope that, based on the proposed concepts, we can circumvent the theorisation that involves "I write with the body" found in the work under study.

Key words: inter-corporeality; border biographical criticism; *The hour of the star*.

Artigo recebido em: 03/04/2025

Artigo aprovado em: 29/08/2025

Artigo publicado em: 02/09/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v12.5917>

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da discussão teórico-crítica da minha Tese de Doutorado finalizada (NECC/PPGEL/UFMS), tal proposta se deu sob o crivo de uma leitura crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015) da obra *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, que privilegia a encenação de uma inter-corporeidade (Pessanha, 2018) de corpos e vozes na construção narrativa da obra. Observamos que, se, por um lado, a obra como um todo da intelectual Clarice Lispector já foi estudada em demasia, por outro, salientamos que na visada teórico-crítica dentro da teorização descolonial e fronteiriça, por nós privilegiada, entendemos a importância contemplada por uma epistemologia outra pensada na/da fronteira por nós proposto. Tomamos tal assertiva para essa reflexão por entender que ela contempla, e ilustra, junto a expressão

de Lispector – Escrevo com o corpo (Lispector, 2020), em que assume o inter-corporar pensado por nós advertindo-nos de que vários corpos e várias personae se encenam em seu lócus enunciativo e se inscrevem na escritura da obra, a partir da inscrição e presença do corpo da protagonista da narrativa Clarice/Macabéa, como fundamental importância o corpo do próprio pesquisador.

Enquanto recorte da dissertação corrobora o material defendido em 2020 com este de agora se considerarmos que fora ele a ponte para o que hoje avançamos em direção a outras perspectivas descoloniais, além de pensar, dessa vez, a obra *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector, e que tem por título a minha tese de doutoramento “Escrevo com o corpo: inter-corporeidade em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”, voltando-nos, dessa vez, para uma crítica a partir de uma teorização fronteiriça que possa desvencilhar-se da episteme moderna. Como contraponto, aproximamo-nos do indissociável corpo na escrita, o que não deixa de sinalizar o caráter de originalidade deste artigo ao observarmos que, se, por um lado, a obra como um todo já foi estudada em demasia, por outro, salientamos que estamos pensando a partir de uma teorização outra descolonial/fronteiriça e por meio de uma inter-relação entre corpo e escritura que se dá pela intercorporeidade (Pessanha, 2018) e espelhada por Rodrigo S.M (Na verdade Clarice Lispector), os que assumem - “eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo” (Lispector, 2020, p. 06), e cuja proposta de projeto, por atravessar toda a construção do livro, permite-nos propor e estabelecer uma teorização crítica na chave da descolonialidade.

ESCREVO COM O CORPO: INTER-CORPOREIDADE

Nesse ensejo inter-corporal descolonial que temos por atravessamento uma leitura do livro *A hora da estrela*, e na qual valemo-nos de uma teorização descolonial/fronteiriça que se sustenta a partir de um inter-corporar, que passa por um episteme outra, que, por sua vez, está assentada num paradigma-outro (Mignolo), que

preza por uma epistemolgia do pensar, do fazer e do re-escre(vi)ver a vida a partir de um escrever o que eu quero presente no pensamento prprio (Kusch)³. Na verdade, aqui, teorizao prpria contempla melhor o que estamos querendo discutir, na medida em que o que estamos propondo e buscando j  em si um re-escre(vi)ver.

Ao me afirmar teoricamente re-escre(vi)vente nessa re-escrita inter-corporando essas nossas sensibilidades biográficas a partir da A hora da estrela e dos corpos envolvidos na ao, procuro imutar as regras das imposioes teórico-crítico de conhecimentos e de sensibilidades, entendendo que para inter-corporar nesse jogo compartilhado entre Clarice/Macabea e mim é preciso me “deslocar por espaços íntimos” (PESSANHA, 2018, p. 74) de sobrevivências de nossos corpos da exterioridade aqui entrelaçados em vidas, mas também na morte, pois falo de viventes que também “hoje possam ser ossos” (Lispector, 2020, p. 07, grifo nosso) como minha Clarice; minha espectral aliada se faz presente ao dizer que: “vivam os mortos porque neles vivemos” (Lispector, 1978, p. 04) , portanto Clarice sobrevive em mim. Não seria por acaso que sobrevivência e, ainda e melhor, experivivncia⁴ (Bessa-Oliveira, 2018), seriam conceitos importantes para se pensar as subjetividades dos sujeitos e des-sujeitos (MIGNOLO) do mundo presente.

Assim como Clarice cede o corpo para a história da nordestina, me coloco também nesse inter-corporar entre mim, Macabea, Clarice e outros que aqui comprometidos a estarem nesse processo intervalar de existência, pensando-nos enquanto corpos da diferença de modo que não misturamos, mas que ressaltamos as

³ O presente pensamento prprio de Rodolfo Kusch, em que tal expressão, ressalvadas as diferenças, pode significar o que acontece com Clarice em *A hora da estrela* quando afirma que são escrevo o que quero que  correlato a escrevo com o corpo. (Aqui a inversão é proposital.). Escrevo o que quero e escrevo com o corpo dever-se-iam fundar a teorizao descolonial/fronteira que sustenta a proposio deste estudo.

⁴ Partindo do corpo aqui em questão “O corpo  espaço/lugar de experivivncias em que se misturam histórias, memórias e biografia (marcas) da diferença de diferentes modos” (Bessa-Oliveira, 2018, p. 5).

semelhanças-na-diferença⁵. Aliás, como disse Walter Mignolo, é importante pensar que os corpos aqui presentes estão nas diferenças e não nas semelhanças da diferença colonial, introduzidos por uma razão outra não moderna que significa evocar a recolocação dos diferentes atravessamentos de nós sujeitos enquanto corpos da exterioridade compreendidos epistemicamente nas mais diversas direções. Em se tratando dessas corporações (MIGNOLO) aqui presentes, além das particularidades de re-existência, tais corpos não estão envoltos em uma visada dual e, por isso mesmo, é importante reafirmar que não partem da óptica da modernidade, mas da visada descolonial, por “implicarem o desnudar e aceitar as dores envolvidas neste processo” (Lispector, 2020, p. 10 grifos meus) conhecido através das sensibilidades geoistóricas.

Nesse tocante, sei que comprometida por Clarice já estava, uma vez que como bem afirma minha aliada na obra, “as coisas acontecem antes de acontecer” (Lispector, 2020, p. 09) ; por isso, “se essa história não existe, passará a existir” (Lispector, 2020, p. 09) por mim nessa teorização, pois a cada passo de meu envolvimento teórico comprometido com Clarice, sob sua trajetória com um atravessamento de vozes e de corpos que acaba por nos brindar com o que Walter Mignolo vai chamar de corpografias⁶ (MIGNOLO) na obra, me conduzo a re-pensar e a re-formular a partir de mim essa re-escrita epistêmica aproximando-nos e distanciando-nos na diferença sob as paridades possíveis entre nós, pois inter-corporada em nossas particularidades, coincidentemente ou não, todos nós temos um destino:

Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido,
e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino.

⁵O conceito de semelhanças na diferença pensado pelo teórico Walter Mignolo (2020). Não está aqui aprofundado. Mas julguei evocar quando necessário para reflexão.

⁶Este conceito é relevante na reflexão considerando que faz parte da inscrição dos corpos dos envolvidos da ação. Aqui no caso, os corpos que habitam ou passam habitar a fronteira e que partem de um pensamento outro. Não por acaso o pensamento fronteiriço está para um escrever com o corpo como bem pensou Clarice na sua escrita em *A hora da estrela*. Logo, as corpografias em reflexão me ajudam numa escrita corporal que foi compreendida e que configurou-se na gramática do corpo na tese articulada para o entendimento desobediência a uma gramática das humanitas (Mignolo), entendendo que é preciso aprender a desaprender, para re-escrever com o corpo.

Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa? Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar 'quem sou eu?' Cairia estatelada em cheio no chão. É que 'quem sou eu?' provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto (Lispector, 2020, p. 13)

Escrever esta história, escrever Clarice, “escrever Macabéa e, sobretudo, escrever a si/mim mesmo, eis o grande desafio” (Lispector, 2020, p. 05 grifos nossos). Diante disso, inter-corporar entre nós é “tornar-se elos de aproximação entre nossa história dividida” (Pessanha, 2018, p. 114): para ambas as relações, eu preciso estar de mãos dadas com minha Clarice, pois “não aguento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé” (Lispector, 2020, p. 08) nesta escrita. Inter-corporar-me na condição de podermos dar nossos gritos de liberdade das amarras que o corpo ainda sofre pela colonialidade. Dessa escrita de uma ótica descolonizada por um escrever para descrever e assim re-escrever, no mesmo sentido de aprender a desaprender para assim re-aprender inter-corporado pela teorização descolonial do argentino Walter Mignolo, o termo rompe com as fronteiras estabelecidas na prática e na teoria movendo, assim, uma ação epistêmica de *desprendimento*⁷ que, por conseguinte, implica a *desobediência epistêmica* às lógicas modernas no tocante à exclusão do corpo. Logo, a reflexão aqui feita vem sendo articulada a partir de meu biolócus, cuja teorização parte do corpo e um lugar presente e situado no espaço, do corpo que hoje me permite saber quem sou, já que sinto meu corpo, logo renasço, diferentemente da boutade descartiana do penso primeiro para depois existir (penso, logo existo!).

Pretensiosamente o escrever com o corpo pensado por minha aliada Clarice e do qual procuro me apropriar aqui convoca um pensamento outro no campo da teorização por mim articulada que se dá a partir de uma inter-corporeidade descolonial que venho construindo e propondo, sob o crivo da importância particular de pensar os envolvidos dessa ação enquanto ser, saber e sentir corpo habitado na

⁷ O conceito de “desprendimento”, assim como o de “desobediência” cunhado pelo argentino de Walter Mignolo, foi trabalhado em outro momento, mas sempre é evocado no trabalho por uma questão de importância conceitual e epistemológica.

especificidade e que se encontra na exterioridade. *Aliás, a pessoa de quem vim falar* para pensar também o meu corpo, a exemplo de Macabéa, somos corporações perseguidas e ainda delimitadas pelo sistema moderno colonizador, somos marcadas pela invenção discursiva, o qual se criou criando conceitos dissociáveis do corpo, considerando que nós, *des-sujeitos* da diferença “mal tenhamos corpo” (Lispector, 2020, p. 24 grifos nossos), uma vez que nossos corpos não são vistos pelo pensamento hegemônico, mas que, ainda sim ou por isso mesmo, “sabem-se deles” (Lispector, 2020, p. 08 grifos nossos) (corpos outros).

Volto minha reflexão teórica para pensar as “feridas do corpo e fendas da alma” (Evaristo, 2023, p 23) desses corpos colonizados e “entrancheirados nessa lógica ocidental/moderna” (Mignolo, 2020, p. 130) de que é preciso pensar hegemonicamente para existir. Tendo por escopo a descolonialidade, o pensamento fronteiriço como prática que não se ancora em tendências ou modismos teóricos assentados numa “idealização de um melhor sistema de acumulação de material” (Acosta, 2016, p. 20) ou qualquer que seja uma linearidade a seguir de epistemes estabilizantes e únicas. Diante do aposto, não há como escrever a partir de epistemologias outras que tratem de corporações, de sensibilidades locais biográficas fronteiriças e continuar pensando “de um reduto acadêmico isolado dos processos sociais” (Acosta, 2016, p. 20), políticos, culturais, éticos, entre outros.

Por isso, a descolonialidade aqui privilegiada contribui para um pensamento teórico crítico outro que não se coloca em validação menor ou maior para superar saberes anteriores, mas nos permite reconhecer que precisamos voltar para nossa esquecida casa chamada corpo, lugar este compreendido pela crítica biográfica fronteiriça como biolocus. O nosso lugar-corpo desconhecido e, assim, ainda compreendido por nós latinos fronteiriços consiste em nos fazer parte de um “sistema-mundo que não encontra uma maneira de incorporar os saberes subalternos nos processos de produção de conhecimento” (Mignolo, 2017, p. 71), uma vez que estes se veem da exterioridade por um conhecimento lógico que separou a emoção da razão

em suas epistemologias; por conseguinte, só nos vimos por fora da “fachada” sem adentrarmos no suposto mundo real interno projetado aos moldes classificatórios de viveres, saberes, ser e sentir pensados para todos.

Hoje, tendo eu consciência colonial e movida pela teorização descolonial acerca da crítica biográfica fronteira, volto para casa, para o meu corpo para pensar também outros corpos des-iguais a mim e que “andam por aí aos montes” (Lispector, 2020, p. 10) sob acusação e punição por existirem da/na exterioridade. Venho por meio deste trabalho tratar dessas questões emergentes e divergentes pela crítica biográfica fronteira, as quais partem não só de um reduto acadêmico isolado dos processos sociais que fazem parte da vida com a inscrição do bios que “demanda a presença de outras histórias, pessoais ou alheias” (Nolasco, 2017, p. 36) ; enquanto aproximação biográfica, falo de minha Clarice e de outros aqui atravessados pela teorização, os nossos corpos latinos que ainda doem como de uma Macabéa cujas feridas ainda sagram e encontram-se abertas pela colonialidade racializada, aproximamo-nos todas (todos) da ferida aberta sentida como no corpo da chicana Gloria Anzaldúa, cujo corpo metaforiza a fronteira. Sobressai nessa discussão uma consciência outra (estou tendo consciência disso), que culmina nos corpos aqui postos sub judice de alguma forma, dos corpos daqueles que sentiram e ainda sentem a invisibilidade “de ter nascido onde nasceram” (Mignolo, 2017, p. 19), em lugares de fronteira e também lugares e modos outros de nascença.

Em “Desafios decoloniais hoje”, Walter Mignolo corrobora o que estamos dizendo acerca desse outro da exterioridade. Vejamos o que diz o autor ali. Primeiro ele explica que esse outro pertence à categoria de “anthropos”, como forma de se distanciar dos “humanitas”. Aliás, segundo o autor, todos os debates contemporâneos sobre a questão da alteridade correspondem à categoria do “outro”. Adianto que se pensarmos bem, a discussão que encampa esse outro não estaria longe da discussão perpassada pelo “corpo”. Todavia, esse outro, de acordo com o autor, ontologicamente não existe, não passando de uma mera invenção discursiva.

Na sequência, o autor reitera que quem inventou esse outro foi o mesmo num processo de autoconstruir-se e que, por conseguinte, “para impor o *anthropos* como ‘o outro’ no imaginário coletivo é necessário estar em ‘posição de gerenciar o discurso (verbal ou visual) pelo qual se nomeia e se descreve uma entidade “[...] e conseguir fazer crer que este existe” (Mignolo, 2017, p. 18) A partir dessa imagem de invenção de um outro que a priori não existe, e pensando aqui na questão perpassada pelo corpo, valemo-nos do mesmo texto do autor, quando ele diz que o “Terceiro Mundo não foi inventado pelas pessoas que habitam o Terceiro Mundo, mas por homens e instituições, línguas e categorias de pensamento do Primeiro Mundo” (Mignolo, 2017, p. 19)— bem, se o “outro” e o “terceiro Mundo” foram inventados pelo Primeiro Mundo, resta-nos ver e concluir que o que não havia ali era o “corpo”. Esse corpo não foi sequer inventado, e, por não existir, foi ignorado, vilipendiado e atirado na inexistência sumária da civilização planetária.

Ainda ao tratar da figura do *anthropos*, Mignolo é enfático ao afirmar que “nós, *anthropos*, que habitamos e pensamos nas fronteiras, estamos no caminho e em processo de desprendimento e para nos desprender precisamos ser epistemologicamente desobedientes” (Mignolo, 2017, p. 20). Valho-me das palavras do autor, mas dizer que também sinto que me encontro no caminho de uma teorização que, a seu modo, visa uma libertação das amarras sentidas pelo corpo mundo afora, e que, não por acaso, e é por isso que grifei as duas palavras, porque vou me valer delas na sequência como forma de desagrilhoar o corpo dessa condição de subjugação em que ainda se encontra em muitos tratados teóricos modernos.

Diz o autor que nós *anthropos* que escrevemos em línguas ocidentais modernas e imperiais (incluindo o português), “o fazemos com nossos corpos na fronteira” (Mignolo, 2017, p. 21). Bem, se meu corpo enquanto pesquisadora está engastado na fronteira-sul, então só posso pensar a partir dele e dessa condição. Resumindo, entendo que ter esse conhecimento teórico por si só já prenuncia o lugar de nossa abordagem de teorização e, por conseguinte, o modo de leitura que daí se desprende.

Está envolto a essa discussão o que se entende por “pensamento fronteiriço”, o qual é condição necessária para pensar descolonialmente. Uma das passagens mais contundentes e emblemáticas de “Desafios decoloniais hoje”, e que tem tudo a ver com nossa discussão aqui, é esta na qual Mignolo trata não por acaso do pensamento descolonial:

Como já disse, o pensamento descolonial é mais semelhante à pele e às localizações geo-históricas dos migrantes do Terceiro Mundo, que a pele dos ‘europeus nativos’ no Primeiro Mundo. Nada impede que um corpo branco na Europa ocidental possa sentir como a colonialidade opera nos corpos não-europeus. Compreendê-lo consiste em uma tarefa racional e intelectual, não experiencial. Para que um corpo europeu chegue a pensar descolonialmente tem que ceder algo, da mesma forma que um corpo de cor formado nas histórias coloniais tem que ceder algo se quer habitar as teorias pós-modernas e pós-estruturalistas (Mignolo, 2017, p. 27).

Ler e compreender e repetir que a pele e as localizações geo-históricas são semelhantes ao pensamento descolonial do que a pele dos europeus nativos é muito significativo para uma discussão/teorização que passa pelo corpo como a nossa aqui feita, ainda mais quando o autor cuidadosamente pontua que este corpo (europeu) até pode sentir a colonialidade como os corpos não-europeus a sentem — porque a questão passa obrigatoriamente ou melhor, epistemologicamente, por outro lugar. E aqui vale a pena reproduzir novamente o final da passagem acima: compreender o pensamento descolonial pelo corpo branco consiste em uma tarefa racional e intelectual, não experiencial e nem muito menos emocional, uma vez que aquele corpo branco, e talvez mesmo cedendo algo de si, estaria condenado a pensar sobre tal pensamento ao passo que um corpo, pelo contrário, formado nas histórias coloniais já o pensa a partir dessa condição de colonialidade. Ainda na esteira da discussão feita por Mignolo, parece tornar-se quase impossível para um corpo de cor formado nas histórias coloniais habitar de corpo presente quando as teorias estão assentadas nos “pós (de pós-moderno e pós-estruturalistas como está embasada toda a desconstrução de Derrida e, por conseguinte, grande parte do pensamento ocidental moderno). Neste trabalho, como já demos a entender, não temos sequer tempo nem lugar para pensar e

habitar teorias declinadas nos “pós” europeus. E lembramos, aqui, que o “experencial” que fica de fora do sentimento do corpo branco com relação ao pensamento descolonial encontra-se no mesmo campo da convivialidade que o corpo negro encontra na exterioridade, bem como a questão que engloba toda a intercorporeidade aqui perseguida. Para que um corpo europeu chegue a pensar descolonialmente tem que ceder algo, da mesma forma que um corpo de cor formado nas histórias coloniais tem que ceder algo se quer habitar as teorias pós-modernas e pós-estruturalistas.

Endossa de forma significativa e relevante a teorização descolonial por mim aqui priorizada o que propõe e defende a intelectual chicana Gloria Anzaldúa quando pensa a partir do que ela denomina de epistemologia fronteiriça, uma vez que tal conceituação se constitui tendo por parâmetro o lócus fronteiriço no qual viveu a própria intelectual, situada entre o México e os Estados Unidos. Dali de uma condição já de corpo política “habitada pelo pensamento fronteiriço” (Mignolo, 2017, p. 23) Anzaldúa evoca uma política teórica para descolonizar o ser e o saber, passando por seu próprio corpo enquanto intelectual chicana indígena e homossexual. Tal exemplo, mais uma vez, corrobora e endossa nossa perseguição de uma teorização aqui que passa necessariamente pela presença e inscrição corpo-gráfica do corpo de todos os envolvidos, já que nossa preocupação se centra numa reflexão que tenha o corpo como condição para pensar a partir da diferença colonial. Reitero, trazendo, mais uma vez e sempre, a inscrição de uma inter-corporeidade que contempla a presença de minha inscrição corpo-bio-política em minha escrita, bem como a presença dos corpos que fazem e atravessam a escritura do livro *A hora da estrela*, e outros aqui presentes.

A imagem-conceito de Anzaldúa acerca do que ela chama de herida abierta não deixa de ilustrar o campo da inter-corporeidade, na medida em que os corpos aqui tratados se encontram todos numa condição de fronteiridade:

A fronteira entre os Estados Unidos e o México é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo se esfrega/roça no Primeiro Mundo e sangra. E, antes de se formar uma crosta, ela sangra novamente; a alma de dois mundos que se unem para formar um terceiro país: uma cultura fronteiriça. As fronteiras são estabelecidas para definir lugares que são seguros e inseguros, para nos distinguir deles. Uma borda é uma linha divisória, uma faixa estreita ao longo de uma borda pronunciada. Uma zona fronteiriça é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de um limite não natural. Está em constante estado de transição. O proibido e o ilegal são os seus habitantes. Aqui vivem os atravessados: os de olhos semicerrados, os perversos, os esquisitos, os chatos, os mestiços, os mulatos, os meios mortos; em suma, aqueles que atravessam, passam ou atravessam pelos limites do “normal” (Anzaldúa *apud* Mignolo, 2018, p. 203).

Em todo caso, por mais que a autora não esteja falando diretamente de corpo, é dele e nele que a ferida aberta sangra, ou pelo menos é por ele atravessado na fronteira que se inscrevem as diferenças todas. Não por acaso que são os corpos subjugados que ali se encontram, nessa condição de entrelugar permanente. Enfim, vemos desenhar na passagem, de uma forma bem peculiar, o corpo mesmo da intelectual em sua condição de mulher indígena, chicana e homossexual. Um corpo que sobrevive na borda do fora, do inexistente, daquele à la Clarice Lispector/Macabéa em *A hora da estrela* que precisa reivindicar o direito ao grito. Nesse sentido, Anzaldúa gritou e reivindicou os direitos por todas nós mulheres que nos encontramos nessa condição de querer pensar a partir da diferença colonial. Não é à toa que o texto de Walter Mignolo de onde retirei a referida passagem se intitula “filosofia e diferencia epistêmica colonial”. Assim, é de diferença epistêmica que fala Anzaldúa, assim como não deixava de ser e falar a escritora Clarice Lispector e eu mesma enquanto pesquisadora busco esse direito epistêmico de falar e teorizar.

Aliás, com base nessa forma de pensar geopoliticamente aqui, e tendo por biolocus a fronteira-sul, entendo que tal premissa contribui para uma subversão tanto da retórica da modernidade quanto da lógica da colonialidade, parâmetros esses que não partilham da epistemologia fronteiriça proposta por Anzaldúa. Aproveitando a condição fronteiriça em que se encontrava a intelectual mulher Gloria Anzaldúa, lembro, talvez mais uma vez, que também me encontro em condição de fronteira e, em

sendo eu uma mulher mineira de Belo Horizonte, é a partir dessa condição que penso e erijo esta teorização, cujo teor maior é o de caráter epistêmico, e, por o ser, traz em sua inscrição minha corpo-política. Entendo que sobressaia daí a importância de minha inter-corporada perspectiva epistêmica fronteiriça, uma vez que, ao agir assim, sinalizo que meu corpo de pesquisadora se encontra situado em algum lugar específico, independentemente de eu ter nascido ali ou não. Aliás, o que faz a condição de des-sujeito (Mignolo) fronteiriço é, antes de tudo, o sentido histórico e a *experivivência* que se formula a partir desse lugar situado e vivido. É escusado dizer que fronteira não é pensada geograficamente (não que não o seja), mas primordialmente como epistêmica e política (Mignolo), de modo que os corpos da diferença “que habitam a fronteira, esses [corpos] precisam saber que o que os diferencia, antes de mais nada, é sua consciência fronteiriça” (Nolasco, 2019, p. 15); nesse sentido “uma vez que percebemos que nossa inferioridade é uma ficção criada para nos dominar” (Mignolo, 2017, p. 19 grifos meus) e limitar invisivelmente nossos corpos. A paisagem que aqui se desenha vem reforçar a lógica de que não fomos pensados como integrantes e participativos do projeto de mundo habitado pelos *loci* eurocêntricos. No bojo dessa discussão, que nos alerta para o crivo de uma lógica outra, Gloria Anzaldúa formula a conceituação de fronteira da seguinte forma:

As fronteiras são projetadas para definir locais seguros e o que não são, para nos distinguir (nós) deles. Uma borda é uma linha divisória, uma linha fina ao longo de uma borda íngreme. Um território fronteiriço é um lugar vago e indefinido criado pelo resíduo emocional de uma fronteira contra a natureza. Está em constante estado de transição. Seus habitantes são proibidos e banidos (Anzaldúa, 2007, p. 42).

No âmbito desse estar em fronteira me coloco e penso o meu nascimento e o seu mistério: eu nascera *duo-corporais*, atravessado por corpos ambos femininos, eu, de cor, e a outra (irmã) gemelar de uma gestação bivitelin⁸; eu e a outra parte de mim em

⁸ Os gêmeos bivitelinos são dizigóticos ou multivitelinos, ou seja, são formados a partir de dois óvulos. Nesse caso, são produzidos dois ovócitos II e estes são fecundados por dois espermatozoides,

espaços fronteiros nos assemelhamos, mas, desde a origem ao mundo, nas diferenças. As diferenças são sempre muitas, no plural. “Eu não comecei comigo ao nascer” (Lispector, 1978, p. 16). Para minha surpresa, entendo que por não termos nascidos “iguais” como a maioria dos nascidos do ventre materno, nós não nascemos sozinhas: meu corpo por extensão de outro corpo teve uma gestação coincidente, nascemos no mesmo dia. Mas, ainda, viver em estado de fronteira é ter coisas que esbarram com a movimentação dos corpos. Termos uma vida duo uterina por 9 meses, mas cada uma com seu espaço específico, como consta em nosso registro de nascimento pela casa de saúde e Maternidade “Enersto Gazzolli”, no ano de 1977, em Belo Horizonte. Naquele momento histórico em que eu nascia com a versão gêmea “outra” de mim, minha aliada Clarice — talvez como parte ou mesmo uma outra versão desconhecida de mim — relutava com a morte⁹ (1977), mas não nos esqueçamos de que: morrer é também nascer: Clarice “nasce comigo agora” (Lispector, 1978, p. 16), porque como ela bem disse “às vezes a vida volta” (Lispector, 1964, p. 53). E como dissera o filósofo Jacques Derrida: *nascer é aprender a morrer*.

Considerando o que procuramos problematizar aqui, penso que, hoje, por Clarice estar existindo em mim, posso sentir e sinto meu corpo na diferença e, portanto, logo renasço¹⁰, diferente de pensar primeiro para existir (pela lógica cartesiana). Não seria demais lembrar de que estou pensando a partir de uma teorização e uma prática epistêmica outra fronteira, as quais, indubitavelmente, partem da presença de sensibilidades que arrolam um lugar e um corpo e, talvez por isso mesmo, saem em defesa da diferença do corpo colonizado que quase nunca é lembrado *por não termos a liberdade de viver em nossos próprios corpos*, sobretudo por continuarmos sendo pensados

formando, assim, dois embriões. Quase sempre são formados em placentas diferentes e não dividem o saco amniótico. Disponível em <https://www.hospitalinfantilsabara.org.br/sintomas-doencas-tratamentos/gemeos/#:~:text=Os%20g%C3%A3os%20bivitelinos%20s%C3%A3o%20dizig%C3%B3ticos,n%C3%A3o%20dividem%20o%20saco%20amni%C3%B3tico>. Acesso em: 04 mar. 2025.

⁹ Clarice Lispector morre em 1977 e no mesmo ano eu e minha irmã nascemos.

¹⁰ Considerando que não fomos pensados participativos dessa lógica de mundo ocidental, porque não nós deixaram nascer com os nossos próprios corpos das diferenças.

sob as próteses reais de um projeto falocêntrico ocidental moderno. Não por acaso que a partir do penso, logo existo socrático nunca chegaríamos ao corpo. Às vezes sobramos a impressão de que precisamos fundar uma política do corpo, atravessada pelo bios, sensibilidades, afetos, sensações e emoções, como deveriam ser as teorias todas.

Situando meu pensamento teórico-crítico descolonial fronteiriço com o exposto acima, reitero que o mesmo me permite pensar a partir de minhas/nossas histórias locais corpóreas alocadas numa corpo-geo-política do conhecimento que retoma o lugar e o corpo essencialmente de todos que nos encontramos na condição de exclusão. Aposto nessa profunda articulação que se funda a partir de um pensamento teórico outro, o qual não pode estar desprovido da inscrição do corpo do “pesquisador” e demais envolvidos, até mesmo quando a lógica da colonialidade apresenta as “marcas de fogo na carne viva” (Lispector, 2020, p. 28). Como condição *sine quan non* para a teorização que aqui se desenha, e cujo contorno deveria lembrar sempre o vórtice de corpos presentes, reitero que continuo partilhando da ideia de uma re-escrita (no sentido descolonial do termo), ao invés do modo de um descrever encontrado na narrativa de *A hora da estrela*, uma vez que é preciso esquecer (e que eu esqueça) “o próprio corpo no corpo desta escrita” (Nolasco, 2004, p. 15) para que eu dê conta desta inter-escrita corporal que não anula outros modos de vidas e de conhecimentos inter-corpóreos que podem ser, sentir e saber com suas respectivas *biocorpografias*.

Na direção da discussão aqui feita, podemos dizer que a narrativa de *A hora da estrela* encontra-se em consonância com o conceito de inter-corporação (Pessanha), e cuja episteme da escritura, essencialmente, trabalha no sentido de inter-corporar os corpos vivos e pulsantes dos envolvidos na ação narrativa. Exemplo disso na novela dá-se na proposta pelo modo como o autor-escritor Rodrigo S. M. antecipa e narra para seu suposto leitor a possível história de sua anti-heroína Macabéa. Nesse sentido, vejamos algumas passagens que tratam dessa questão, como forma de ilustrar a abertura do que vimos chamando de inter-corporeidade: 1- “*Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade*”; 2- logo trata-se de

“história exterior e explícita”. 3- *“escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa exterior e explícita”*. 4- *“É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de moça nordestina”*. 5- *“Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira”*. 6- *“Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo*. 7- *“É. Parece que estou mudando de modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional — e preciso falar dessa nordestina senão sufoco*. 8- *“Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo. Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo grave de ‘força maior’, como se diz nos requerimentos oficiais, por ‘força de lei’”*. 9- *“A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização enfim em objeto”*¹¹.

Queremos entender que as passagens aqui transcritas, além de metaforizarem o gesto inter-corporal que embasa a narrativa como um todo, também evidencia possíveis ilustrações de ordem teórica aqui presentes neste trabalho. Por ora, interessamos dizer que além da transfiguração de um em outro, como podemos ler na última passagem, também queremos lembrar que as palavras *exterior e materialidade*, citadas mais de uma vez cada, convocam a presença incontestante dos corpos para dentro da constituição escritural da narrativa, dando a ela uma fisiologia composicional que extrapola o meramente literário, haja vista que o escritor do relato que consigna a história de Macabéa, por não se considerar um intelectual, *não quer ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade*. Ele literalmente assume não ser um intelectual, e por não o ser, assume que escreve com o corpo, e que, portanto, *só escreve o que quer escrever*. Duas questões de suma importância sobressaem aqui e que não

¹¹ As passagens, apesar de curtas, são várias em A hora da estrela (Lispector, 1977), selecionamos algumas por querer captar e traduzir uma cena de inter-corporação que se multiplica por toda a narrativa, assim como se bifurcam e se multiplicam as possíveis histórias ali narradas, haja vista os 14 subtítulos que abrem o livro como um todo. Grifos todos meus

podemos deixar de registrar: uma, que entendemos estar justificando aqui o título do trabalho como um todo, como se pode ler; a outra importância reside no fato de que não há nada mais descolonial do que escrever o que se quer escrever, como podemos ler em *¿Podemos pensar los no-europeos?* Ao tratar da práxis do viver e da práxis do pensar como constitutivas do sujeito descolonial, Walter Mignolo conceitua *la praxis del escribir lo que quiero* assim:

[...] da escrita porque não é a disciplina que importa, seja filósofo ou sociólogo, mas o que importa é o que está em jogo: primeiro a Libertação que transforma o sujeito colonial no sujeito decolonial, melhor dizendo, um sujeito dessujeitado para a Libertação (Mignolo *apud* Giuliano, 2018, p. 211).

Portanto, não seria demais lembrar que meu corpo, e eu enquanto intelectual e pesquisadora, pertence ao *Sul*¹², lugar a priori onde se encontram os *dessujeitados* que buscam alguma libertação. Desse lugar e com essa minha história local biográfica fronteiriça e de cujo corpo penso e erijo minhas reais discussões de ordem epistêmicas, aliás, tenho consciência de que busco uma liberdade no modo de pensar teoricamente na medida em que me permita “experimentar (e experienciar) uma realidade contra os maus hábitos” (Lispector, 2020, p. 11 grifo nosso) dos responsáveis ocidentais modernos que sempre reafirmaram o que seria relevante para nós, corpos latinos. Abro um parágrafo aqui para deter-me no relevante posto em itálico. Porque ele alude à discussão de fundo teórico que Mignolo trava com Slavoj Žižek, e constata que o filósofo esloveno contemporâneo (moderno) *pode muito bem ser o filósofo mais importante, mas para muitos e muitas é irrelevante*. E sobre a discussão acirrada, que teve como base divergências no modo de pensar filosófico-teórico, Mignolo arremata:

Em resumo, o meu ensaio não tenta ser uma resposta específica a Žižek mas antes tenta esclarecer, para quem lê e entende, que não existe realmente nenhum diálogo possível, uma vez que os nossos pontos de partida são diferentes e, como todos os princípios argumentativos, os nossos, os de Žižek

¹² Meu Norte é o meu Sul.

e os meus (e os de toda a esfera da ciência) não são racionais, mas emocionais (Mignolo *apud* Guiliano, 2018, p. 228).

Propositadamente, Mignolo faz questão de reforçar que ambos os modos de pensar não tem uma base racional, mas emocional, e isso já basta para abalar a suposta verdade que teima em persistir no discurso argumentativo da modernidade, quando esta se esqueceu que a verdade, qualquer verdade, é da ordem do “sentir” e não do “conhecer”. Seria esse campo do emocional que alicerça as sensibilidades locais e biográficas dos envolvidos, levando-os a pensar e a escrever o que querem escrever, pouco importando, inclusive, se tal razão do coração (teorização) vai ser relevante para todos ou não. Não por acaso também essa discussão feita por Mignolo endossa a política do pensamento próprio descolonial, cuja origem, segundo o filósofo argentino Rodolfo Kusch, começa com o pensamento indígena. Para fechar meu parêntese, lembro que um dos títulos dos dois textos de Mignolo presentes no livro *¿Podemos pensar los no-europeos?* é exatamente “Sí, podemos”, em resposta à pergunta que se faz o título do livro.) Com base no exposto e parafraseando a autora do livro *A hora da estrela*, reitero que, munida dos postulados da crítica biográfica fronteiriça, “sou eu que escrevo o que estou escrevendo” (Lispector, 2020, p. 09) nesta reflexão, na medida em que meu corpo, tal qual dentro da narrativa, também se inscreve distendendo-se ao longo da teorização aqui encenada.

Estando eu no jogo real e imaginário entre vidas e sobrevidas que *respiram, respiram...* e contando com minha *aliada hospitaleira* Clarice Lispector, especificamente com sua última criação produzida em vida — mas cujo projeto não se encerrava ali, uma vez que se prolonga vida afora por meio de sua recepção crítica — que se predispõe a narrar uma história (e sua história) “exterior e explícita” (Lispector, 2020, p. 11), cujas vidas vêm, na escritura do livro, inter-corporadas e que aqui, por conseguinte, são re-inter-corporadas aludindo a um acontecimento que está tatuado em marca de fogo na carne viva. Observo que, por mais que essa obra tenha sido já bastante explorada por boa parte da fortuna crítica da escritora, talvez devido a sua

grandeza literária e proposta intelectual, mesmo depois de mais de 40 anos de sua publicação proponha leituras variadas como a que ensejamos nesta discussão, a qual se volta para uma “ferida aberta” (Anzaldúa), “exterior e explícita” (Lispector) que sangra no próprio corpo da escritura, tal qual a imagem-ideia ali esboçada de uma fina talhada de melancia. Soprando toda ironia possível para a teoria moderna que simplesmente não consegue escutar, nem se aproximar dessa ferida aberta sangrenta, lembramos, aqui, e para aludir a outra passagem e derradeira da novela, em que se lê — “Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos” (Lispector, 2020, p. 78) — para dizer que dada a brevidade do tempo da referida colheita, nunca é tarde para voltar-se para uma teorização que preza pelas vidas desprezadas e rechaçadas pelo pensamento teórico ocidental moderno. Lembrando aqui do que dissemos há pouco acerca do “emocional” presente em todo argumento ou discurso, reiteramos que falta para as teorias modernas o “delicado essencial” (Lispector, 2020, p. 10) para se aproximar mais e melhor do corpo(s) inscrito no corpo da letra. Não por acaso, no mesmo parágrafo em que lemos o delicado essencial, Clarice fala também que “nós somos um” (Lispector, 2020, p. 10) “tanto que nós nos intertrocamos” (Lispector, 2020, p. 19 grifo meu), assim também estar para Bhabha — “muitos como um” (Bhabha, 2013, p. 203) , levando-nos a pensar na possibilidade de desfazimento do pensamento dualista que imperou e impera no mundo moderno capitalista que, ao invés de prezar pelas vidas, prezou pelo mercado e consumo desbragados das vidas mesmas.

Essas questões aqui tratadas esboçam e demandam a necessidade da inserção do corpo do pesquisador por elas envolvido. Neste sentido, a incorporação do meu bios a partir de meu espaço geostórico é compreendida por meio de meu corpo que também se encena na escritura lida (uma vez que só lemos o que queremos ler), bem como na teorização que aqui não é menos dramatizada no papel, constitui parte de meu espaço biográfico e corrobora um diálogo crítico e inventivo com as especificidades (literárias e teórica) de cada “divíduo” (Pessanha, 2018) envolvido na ação. Explica-se que essa nomenclatura de “divíduo” para Pessanha endossa a inter-

corporação dos sujeitos no texto filosófico e teórico. O lugar abissal que tal inter-relação *corpográfica* fundada na teorização em linhas abissais encontra ressonância nesta passagem de Boaventura de Sousa Santos¹³:

A complexidade deste movimento é difícil de destrinçar na medida em que se desenrola ante os nossos olhos, que não conseguem abstrair-se do fato de estarem deste lado da linha e de olharem de dentro para fora. Para captar a totalidade do que está a ocorrer é necessário um esforço enorme de descentramento. Nenhum estudioso pode fazê-lo sozinho, como indivíduo (Santos, 2010, p. 33).

Subentende-se tratar-se de um esforço coletivo para pôr em execução prática uma epistemologia do sul fronteiriça, cuja alternativa, ou opção descolonial, requer *nossas mãos dadas, para, hermanados*, pensarmos a partir de muitos locais, dos muitos corpos que sonham com a “diversalidade”¹⁴ que deve imperar (ou ser lida) no mundo. Não por acaso que, de acordo com Boaventura, o pensamento abissal se cria da necessidade de dominação colonial que se opera pela definição unilateral de linhas: um sistema que divide o mundo entre visível e invisível: o lado visível é o lado de cá da linha (ou da fronteira), enquanto o lado invisível é o outro lado da linha. O que acontece é que, nessa divisão construída, o outro lado desaparece, e há um divisor de sujeitos, de experiências e de saberes que marca com o impedimento de uma co-presença. Instaura-se daí dessa paisagem desolada um amontoado de corpos amorfos e sumariamente excluídos e, o que é pior, pelo olhar imperial do centro, sequer pensam. E, se não pensam, muito menos produziram teoria, conhecimento, como se as teorias não brotassem de todos os lugares em que há gentes. Não há como não se lembrar aqui da significativa passagem de Walter Mignolo, quando, ao tratar da

¹³ Em meio a denúncias de “assédio sexual” em abril de 2023, direcionada ao intelectual Boaventura de Sousa Santos. Posiciono aqui minha contrariedade absoluta ao comportamento do referido crítico, no entanto, não desconsidero a relevância de suas reflexões teórico-crítica pensada para Epistemologias do Sul.

¹⁴ O conceito de Diversalidade é a questão que impõe à razão moderna a existência de saberes que a disciplinaridade encapou até aqui as diferenças culturais, sequer lembrou-se de observar a existência de diferenças coloniais (Bessa-Oliveira, 2019, p. 69).

importância da teorização para a razão descolonial, afirma de forma contundente: “pensar é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas” (Mignolo, 2020, p. 154).

Se pensar é dom e competência de todos os seres humanos do planeta, então, por extensão, podemos afirmar que todos os corpos pensam em sua diferença, logicamente. O que não quer dizer, obviamente, que uns pensam melhor do que os outros, obviamente. Tal discussão, que nem deveria mais existir em pleno século XXI, põe em evidência que tudo o que ronda o conhecimento e as teorias devem ser rediscutidos nos dias atuais, como forma, inclusive, de rever injustiças histórias que grassam na civilização ocidental. Na mesma direção, Mignolo reitera: “Se a pós-colonialidade não consegue romper com a epistemologia moderna, torna-se apenas outra versão dela, com um tema diferente. Seria, em outras palavras, uma teoria sobre um assunto novo, mas não a constituição de um novo “sujeito-epistemológico que pensa a partir das e sobre as fronteiras” (Mignolo, 2020, p. 154). Ressalvadas as diferenças, entendemos que o mesmo vale para pensar acerca do corpo, ou seja, não basta tratar sobre ele, empregando os conceitos decoloniais; antes, é preciso levar em conta os *lóci* e a condição em que se encontra esse corpo (inclusive dentro da história ocidental moderna). É nesse sentido que a inscrição do intelectual em sua teorização pode ser determinante para que sua leitura seja de ordem descolonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posto isso, nossa proposta teórico-crítica espera que a discussão feita a partir de uma crítica biográfica fronteira contribua para o entendimento metodológico da nossa construção de uma teorização política e ética descolonialmente; e, atravessada por um “paradigma outro”(Mignolo) (estratégia de pensar a partir da diferença colonial), também proposto pelo pensamento descolonial, alicerces e embasem

minha reflexão na medida em que me permitam atravessar *com meu corpo escrevi(ve)nte* de mulher fronteiraça guiada por uma ideia de teorização de *ser de onde se pensa* (a fronteira-sul), cujo pensamento assenta-se e parte de meu lócus de enunciação geoistórico e epistemológico (Mato Grosso do Sul). Logo, tendo a consciência do lugar do qual me predispus a pensar, fazer e a escrever esta teorização biográfica fronteiraça, amparada, por uma desobediência epistêmica e por um desprendimento (ambos de MIGNOLO), convocados por uma inter-corporeidade no sentido para pensar numa inter-relação crítica, visando abarcar uma leitura *outra* a partir do livro *A hora da estrela* (1977) da intelectual brasileira Clarice Lispector, como já é de sabença do leitor.

Enfim, não seria demais repetir que nosso trabalho se volta, sobretudo, para um modo outro de *re-ler (re-teorizar) a partir da* obra cuja reflexão aqui buscada resulta numa teorização conceitual de ordem descolonial (Afianço entre parêntese que nem a referida obra, e nem mesmo sua autora, são descoloniais; todavia, a obra permite que fendas se abram para que o leitor possa pensar e pensá-la descolonialmente).

Na esteira dessas afirmações de ordem de uma teorização descolonial que escrevi e entrevi perspectivas outras, pensando em um inter-corporar que passasse pelo corpos e lugares locais constituídos de formas de pensar/viver e de sentir desprendidas e desobedientes do que fora proposto pela lógica moderna. Nesse particular, enquanto os paradigmas modernos não alcançarem as fronteiriças geoistóricas e, nem, por conseguinte, as primordialmente, as *experivivências* no/do corpo(s), ao re-escre(vi)ver esta reflexão teórica-crítica me des(em)cobrinde enquanto pesquisadora e enquanto um corpo que passou a ter consciência de que habito a exterioridade, não contemplada pela razão moderna. Nesse sentido, tendo o projeto de minha aliada Clarice Lispector como pano de fundo contribuiu para que eu repensasse, um livro, o que venho chamando de uma escrita com o corpo. De modo que era impossível que as teorizações (no plural agora) e as conceituações não se inter-corporassem em meu modo de pensar.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ANZALDÚA, G. **Bordelands/La frontera**: the new mestiza. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.
- BESSA-OLIVEIRA, M. A. O corpo das artes (cênicas) latinas ainda é razão e emoção! “Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver!”. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 2, n. 22, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/563>. Acesso em: 02 mar. 2025.
- BESSA-OLIVEIRA, M. A. **Paisagens biográficas pós-coloniais**: retratos da cultura local sul-mato-grossense. Campo Grande: Life Editora, 2018.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- EVARISTO, C. **Macabéa**: flor de mulungu. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.
- KUSCH, R. **O pensamento de Rodolfo Kusch**: movimento na América profunda. 1.ed. Porto Alegre: Cirkula, 2019.
- LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- LISPECTOR, C. **Paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro. ed. Autor, 1964.
- LISPECTOR, C. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- MIGNOLO, W. D. A razão pós-ocidental. *In*: MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/Projetos globais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2020. p. 133-180.
- MIGNOLO, W. D. Desafios decoloniais hoje. Trad. de Marcos de Jesus Oliveira. *Epistemologias do Sul*. Foz do Iguaçu, PR, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.
- MIGNOLO, W. D. Filosofia y diferencia epistémica colonial. *In*: GIULIANO (COMP). **¿Podemos pensar los no-europeos?**: ética decolonial y geopolíticas del conocer. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018, p. 203-229.
- NOLASCO, E. C. O ensaio de crítica biográfica fronteiriça. **Cadernos de Estudos Culturais**: crítica biográfica. v. 2, n. 18, p. 31-42, 2017.

NOLASCO, E. C. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 1, n. 21, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>. Acesso em: 2 mar. 2025.

NOLASCO, E. C. **Restos de ficção**. São Paulo: Annablume, 2004.

PESSANHA, J. G. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.